

DOIS AMANTES DA NATUREZA

TWO NATURE LOVERS

Nanci Leonzo

Professora Aposentada Mestre, Doutora e Livre Docente/USP. Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em História Social/USP. Professora Titular da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Líder do Grupo de Pesquisa CNPq “Medicina e Sociedade”. nleonzo@uol.com.br / nleonzo@usp.br

RESUMO – O cuiabano Virgílio Corrêa Filho já foi tema de artigos científicos, teses e dissertações. Sua vasta obra interdisciplinar, no entanto, ainda não se encontra devidamente estudada. O mesmo vale, incluindo pelo menos dois livros recentes, para um dos seus biografados: Edgard Roquette-Pinto, cujos ecos da morte repentina ainda se refletem em homenagens publicadas em diferentes tempos e lugares. Representando a *Revista Brasileira de Geografia*, onde publicou quase noventa artigos entre julho de 1939 e abril de 1963, Corrêa Filho não se omitiu diante da fatalidade que abalou, em 18 de outubro de 1954, a intelectualidade brasileira. Nesta publicação, incluiu o falecido médico-antropólogo no rol dos “*Vultos da Geografia do Brasil*” ali retratados. Ambos tinham algo em comum: o amor à natureza, evidente, sobretudo, nas descrições e narrativas sobre os sertões mato-grossenses. Uma confluência de interesses operou, portanto, na construção e publicação, em 1955, da pequena biografia de Roquette-Pinto, que se notabilizou, de início, pelos serviços prestados ao Museu Histórico Nacional (RJ). Para este último, Mato Grosso se constituía em “terra virgem”, desbravada por Rondon, personagem que ambos admiravam com idealismo e fervor.

Palavras-chave: Biografia. Natureza. Mato Grosso.

ABSTRACT – The cuiabano (native of Cuiabá) Virgílio Corrêa Filho has been the subject of scientific articles, theses and dissertations. However, his vast interdisciplinary work has not been duly studied. The same applies, at least concerning two recent books, to one of the people whose biography he wrote: Edgard Roquette-Pinto, whose sudden death is still remembered through tributes published at different periods and places. Representing the *Revista Brasileira de Geografia (RBG)* (Brazilian Geography Journal), where he published almost ninety articles between July 1939 and April 1963, Corrêa Filho did not refrain from mentioning the incident which affected the Brazilian intellectual elite. On October, 18 1954, the day of Pinto's death, Virgílio Corrêa Filho included him in the group of the “*Brazilian Geography Icons*”, shown in the RBG magazine issue. Those two men had something in common: a love of nature, especially evident in the descriptions and narratives about the Mato Grosso State wilderness. Thus, a confluence of interests contributed to the preparation and publishing of the 1955 *Pequena Biografia de Roquette-Pinto*, (Short Biography of Roquette-Pinto), who was also known for his remarkable work at the Museu Histórico Nacional (National Historic Museum) (Rio de Janeiro). Mato Grosso was for him a “virgin land”, firstly cleared by Rondon, who both Correia and Pinto admired with idealism and fervor.

Keywords: Biography. Nature. Mato Grosso.

Certa vez, o intelectual cuiabano José de Mesquita (1892-1961) perguntou a Virgílio Corrêa Filho, então exercendo um importante cargo no governo de Mato Grosso, como conseguia conciliar suas atividades administrativas, exercidas entre 1922 e 1926, com a intensa produção de importantes ensaios sobre a história local. A resposta teria sido “expressiva”: “Pura questão de método” (*Jornal O Estado de Mato Grosso*, 1957).

Não cabe aqui discutir o cartesianismo, característico de sua formação, perceptível nesta frase. Estudando a correspondência de Renée Descartes (1596-1650) com Constantyn Huygens, Christiane Vilain concluiu que o primeiro era, essencialmente, um humanista, ao mesmo tempo que engenheiro, poeta e livre pensador (VILAIN, 1998, p. 376). Quase o mesmo é possível afirmar sobre Corrêa Filho, o qual, relegando ao segundo plano o diploma obtido na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, em 1908, voltou-se para as ciências humanas, opção formalizada pelo seu ingresso, em 1931, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), sediado na mesma cidade. Ambos tinham algo em comum que me fez lembrar Fustel de Coulanges (1830-1889). Para este historiador francês, o verdadeiro patriotismo não se resumia ao amor pelo solo. Indispensável era cultivar o passado, que se concretizava no respeito pela atuação das gerações antecedentes (DELACROIX et al., 2012, p. 99). O conjunto da produção historiográfica de Mesquita e Corrêa Filho isto comprova.

O também cuiabano Virgílio Corrêa Filho, responsável pela publicação, na *Revista Brasileira de Geografia*, de quase noventa artigos, entre julho de 1939 e abril de 1963, não se omitiu diante da fatalidade que abalou, em 18 de outubro de 1954, a intelectualidade brasileira. Incluiu, nessa publicação, o falecido cientista Edgard Roquette-Pinto, nascido em 1894, no rol dos “*Vultos da Geografia do Brasil*” ali biografados. Para ele, o autor de *Rondônia*, obra laureada pelo IHGB, uma das instituições que os abrigava, não se tratava, apenas, de um *douto viajante*. Corrêa Filho descreveu-o como um notável escritor oculto no gabinete do *naturalista*. Referia-se aqui as suas atividades no Museu Nacional, como assistente da Seção de Antropologia, Etnologia e Arqueologia, iniciadas em 1905, após se submeter a um tumultuado concurso público (SOUZA, 2011, p. 53-58). Anos depois se tornaria chefe e professor

da referida Seção, ora dependente da Diretoria Geral da Agricultura. Nesta instituição cultural, da qual se tornou diretor, em 1926, se consolidaria sua carreira como antropólogo (ALMANACK LAEMMERT, 1914; 1929), já exaustivamente explorada. Tais atividades, entretanto, não o fizeram abandonar, de imediato, a medicina.

Equivocou-se Virgílio Corrêa Filho quando afirmou que Roquette-Pinto não se apressara para exercer a profissão de médico logo após sua formatura, em 1906, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Ainda como acadêmico, foi contratado, por três meses, para servir extraordinariamente nos trabalhos de inspeção sanitária do Rio de Janeiro. A residência médica, na condição de interno da 2^a. clínica cirúrgica, foi realizada na Santa Casa de Misericórdia, onde atuou, depois de formado, durante oito anos, como médico adjunto, a partir de 4 de junho de 1908. No início deste mesmo ano foi nomeado, pelo Ministro de Estado e da Justiça, médico legista substituto da Polícia do Distrito Federal. Realizou diversas autópsias, e onde chegou a substituir, em determinado momento, um dos seus amigos e protetores, o médico e intelectual baiano Júlio Afrânio Peixoto (1876-1947), que se licenciou, sob o pretexto de problemas de saúde, do cargo de diretor do Serviço Médico Legal, criado em 30 de março de 1907. Vale, ainda, ressaltar que, em novembro de 1911, repetiu Roquette-Pinto, em casa de um colega, a técnica de Robert Koch (1843-1910) para a coloração e posterior isolamento do bacilo “*mycobacterium tuberculosis*”, com vistas à confirmação, através de análises microscópicas, da doença que acometia um paciente. Nascia um microbiologista em clima de litígio, pois há indícios de que seu parceiro, um certo Luizinho, discordou do diagnóstico de tuberculose. Restou-lhe dirigir, diante de uma alegada violação dos “princípios de ética”, uma correspondência a, pelo menos, três bacteriologistas

do Rio de Janeiro, contendo a seguinte pergunta: “*Errei, afirmando à família desse doente que os bacilos delgados, moniliformes, corados e vermelhos que aí se acham destacados em fundo azul são os bacilos de Kock*”? Todos responderam o questionamento de maneira favorável, mas um deles foi categórico: “*Penso que você não errou*”. Tratava-se de Raul Leitão da Cunha, Professor da Faculdade de Medicina, proprietário de laboratórios de análises clínicas no Rio de Janeiro e dos quais Roquette-Pinto foi consultor científico desde a primeira metade da década de 40, época na qual estes estabelecimentos se tornaram representantes, no Brasil, da Commercial Solvents Corporation, sediada nos Estados Unidos e fabricante da penicilina G³⁴. O próprio Roquette-Pinto chegou a fundar, na década de 20, um laboratório similar que não teve êxito comercial. (ABL: ARP. Atuação Médica; Laboratórios Raul Leite S/A.; ALMANACK LAEMMERT, 1925). Estas e outras evidências encontradas em minhas pesquisas provam que o autor de *Rondônia* exerceu a medicina e realizou investigações laboratoriais, desde muito jovem, tendo a oportunidade de compartilhar seus conhecimentos como docente da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

O ano de 1912 foi decisivo, conforme apontou Virgílio Corrêa Filho, para Roquette-Pinto. Data de julho deste ano sua partida para os sertões de Mato Grosso para se encontrar com Rondon, que lhe enviou um telegrama com os seguintes dizeres: “*Seja bem-vindo à minha amada terra natal*” (ABL: ARP. Antropologia. Comissão Rondon). Sua admiração pelo futuro Marechal teria se iniciado em 1907. Três anos depois, ainda estudante de medicina, colaborara na campanha pela criação do Serviço de Proteção ao Índio, contudo, foi quando teve a oportunidade de ajudar o já famoso

34 Fleming iniciou suas investigações durante a I Guerra Mundial, mas identificou a penicilina somente em 1922, aperfeiçoando sua descoberta em 1928. SHRYOCK, Richard H. *The Development of Modern Medicine: an interpretation of the social and scientific factors involved*, p. 450-451.

“pacificador” na organização e classificação do material colhido durante as comissões militares e transportado ao Rio de Janeiro, que a amizade floresceu (BOJUNGA, p. 103). Não foi uma viagem em todos os sentidos agradável, mas, sem dúvida, proveitosa pelo desejado encontro com os Parecis e os e os Nhambiquaras, protagonistas de *Rondônia*, cuja *primeira* edição veio à luz em 1917. Em fins de outubro, Roquette- Pinto adoeceu com febre, dores no fígado vômitos e diarreia, permanecendo três dias somente comendo arroz; no final de semana conseguiu ingerir dois ovos. Aos poucos foi se acostumando com as “imundices”, como as observadas durante os insalubres traslados por planchas, quando os camaradas cuspiam, urinavam e despejavam detritos nas águas dos rios, tornando-as impróprias à bebida (ABL: ARP. *Antropologia*. Comissão Rondon. Caderno de Campo).

A divulgação de parte dos estudos realizados nessa viagem, finda em novembro de 1912, ocorreu por ocasião de uma conferência proferida, em 14 de março de 1913, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Nela, Roquette-Pinto discorreu sobre os índios da Serra do Norte em Mato Grosso, merecendo, através de um cartão pessoal, um elogio especial do 1º. Secretário da mesma Sociedade de Geografia, José Arthur Boiteaux (*O SÉCULO*, RJ, 1913. ABL: ARP. *Antropologia/Comissão Rondon*). Virgílio Corrêa Filho menciona, nas páginas dos “*Vultos*” dedicadas a Roquette-Pinto, esta conferência, bem como a de 1915, quando o mesmo propôs o nome *Rondônia* para designar a região compreendida entre os rios Juruna e Madeira, atravessada pelas linhas telegráficas construídas sob a iniciativa de Rondon. Os dois últimos eram admiradores incondicionais do General, que alcançou fama internacional, sobretudo após acompanhar Roosevelt durante sua estadia nas selvas do Brasil. Contudo, quem se propôs a melhor avaliar, na época, a Comissão Rondon, ainda

que com certo exagero, foi o próprio Roquette-Pinto: “*Houve um Brasil antes de Rondon: em ciência foi o Brasil português; há um Brasil depois de Rondon: é o Brasil Brasileiro*”³⁵ (ROQUETTE-PINTO, s/d, p. 32).

O prestigiado militar, que chegou a ocupar o posto de Marechal, não acompanhou Roquette-Pinto em sua viagem a Mato Grosso, conforme admitiram pelo menos dois pesquisadores (SANTOS, 1998, p. 6; DUARTE, 2008, p. 272), embora, provavelmente, tenham se encontrado, no caminho, em lugar incerto (ABL. ARP. *Antropologia/Comissão Rondon*). Foi uma simples excursão organizada para concretizar a curiosidade investigativa de um amigo, conforme comprova um documento de autoria de Rondon, transcrito na dissertação de Mestrado da arquivista responsável pela catalogação do Arquivo Roquette-Pinto (SOUZA, 2015, p. 52)³⁶. Tendo que retornar ao Rio de Janeiro, o General designou como guia o antigo estudante da Escola Militar Antônio Pirineus de Souza, nascido em Goiás, de quem o autor de *Rondônia* guardou as melhores recordações, inclusive uma foto. Tornaram-se amigos. O então experiente Tenente de Infantaria Pirineus tomou parte na Comissão Rondon de 1907, dirigiu o serviço de transporte do material da Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas, do rio Juruena a Vilhena (setembro de 1911 a fevereiro de 1912), e se destacou, anos depois, como membro da Expedição Roosevelt-Rondon (1914). Desenvolveu missões delicadas como a reorganização do 27º Batalhão de Caçadores sediado em Manaus, que havia se sublevado (1927), integrando, também, a convite de Rondon, as forças em operação contra os rebeldes do Paraná e Santa Catarina (1924-1925). Além do mais, realizou a campanha contra os revolu-

35 Roquette Pinto preferia usar a expressão “brasiliano”, em lugar de “brasileiro”.

36 Não há nenhum relatório oficial dessa curta viagem, conforme a excelente publicação *O BRASIL pelos Brasileiros. Relatórios Científicos da Comissão Rondon*, 2016.

cionários paulistas, de 10 de julho a 22 de outubro de 1932. Por ocasião de seu falecimento, no Rio de Janeiro, na condição, desde 1933, de Coronel de Infantaria da Reserva, Roquette-Pinto utilizou sua crônica na “*Hora do Brasil*” para homenageá-lo, lamentando a indiferença com que os jornais trataram sua morte em 17 de fevereiro de 1936, com menos de quarenta anos de idade (LAVOURA E COMERCIO. Uberaba, MG, 1936; ABL.RP. *Antropologia*. Comissão Rondon) Na história construída – ontem e ainda hoje – sob a ótica dos grandes homens, tal como foi ensinada por Thomas Carlyle (1795-1881), subalternos, ainda que “valentes”³⁷, como Pirineus, não têm vez. Embora ele figure, de passagem, nas páginas de *Rondônia* (2ª. edição, 1919, p. 56), tudo indica que nenhum biógrafo de Roquette-Pinto lhe deu o devido destaque. Sem o auxílio de Antônio Pirineus de Souza, este livro jamais teria sido escrito.

Virgílio Corrêa Filho publicou, entre 1929 e 1965, diversos artigos sobre Rondon. Exaltou o geógrafo, o engenheiro e o indianista “afeiçoado aos irmãos que lhe necessitavam de amparo apostolar”, admitindo que Roquette-Pinto foi o responsável pelo ingresso, nos anais científicos, dos Nhambiquaras (REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA, 3, 1961). Este último, por sua vez, em discurso pronunciado no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, em 12 de outubro de 1919, assim se referiu a Rondon:

Para nós, brasileiros civilizados, vossa obra tem ainda outra significação ainda maior: ela veio desmentir luminosamente os tristes pregoeiros da nossa decadência. (ABL. ARP. *Antropologia*/Comissão Rondon).

Infelizmente, Virgílio Corrêa Filho e seus sucessores biógrafos, com exceção de Ruy Castro, não ressaltaram

37 A expressão é de Roquette Pinto.

a postura patriótica e otimista de Roquette Pinto com relação ao Brasil, boa parte dela provocada pelos feitos de Rondon. Em carta escrita, em 30 de junho de 1923, ao amigo Luiz da Câmara Cascudo, o médico-antropólogo confessou que *Rondônia* era “filha caprichosa” de seu “aloucado patriotismo” (ABL. ARP. *Antropologia/Comissão Rondon*). Uma década depois, já diante da ascensão súbita de Vargas ao poder, referindo-se, com base nos pressupostos filosóficos de Auguste Comte, ao “estilo nacional” de Euclides da Cunha, argumentou:

Sejam quais forem as tristezas do momento nacional, um fato por si só basta para que os irredutíveis crentes otimistas, como eu sou, considerem o futuro da nossa terra natal: as gerações que surgem pensam cada vez mais no Brasil. (ROQUETTE PINTO, s/d, p. 203).

Os paralelos entre *Os Sertões* e *Rondônia*, tangenciados por vários estudiosos, foram praticamente ignorados por Virgílio Corrêa Filho. Suas rápidas observações atribuíram aos seus consagrados autores, respectivamente, acesso à “fama” e “caminho para a glória”. No exame de *Rondônia*, objeto momentâneo de seu interesse, o engenheiro civil cuiabano, radicado no Rio de Janeiro e onipresente na vida cultural da cidade, serviu-se da literatura, da qual não era especialista, valorizando a narrativa e transcrevendo trechos das paisagens e dos modos de viver de sertanejos, tropeiros e indígenas. O livro de contos *Samambaia* pareceu-lhe mais significativo “não pela gravidade dos temas explanados” e sim pela “mobilidade e leveza de assuntos”. Tratava-se, em sua opinião, de uma obra que privilegiava “cenas e quadros” mato-grossenses. Coube-lhe destacar o conto *Mata Devoradora*, cujo personagem principal é um tropeiro conhecido como João Mineiro, que teria abandonado seu trabalho no Porto dos Bugres e partido em direção aos seringais para ganhar a vida, deixando uma noiva, que, durante sua ausência,

se engraçou com um forasteiro. No retorno, magro e doente, sucumbiu ao pé de uma figueira. Genésio, o contador da história, assim a concluiu:

— É... A mata devora tudo!

E quando a gente volta, não acha, nunca mais, o que deixou...

(ROQUETTE-PINTO, 1934, p. 109-117).

Álvaro Lins, o mais citado biógrafo de Roquette-Pinto e que o substituiu, em julho de 1956, na Cadeira 17 da Academia Brasileira de Letras, discordou de Virgílio Corrêa Filho. Para o novo acadêmico, o estilo literário e o científico compunham, em termos de linguagem, dois mundos, nem sempre comunicantes: “*Dos contos de Samambaia, em conjunto, tudo nos parece mal-nascido ou mal acabado*”, afirmou, surpreendendo, provavelmente, a plateia. Nada mais eram do que “*um mero divertimento de cientista*” (LINS, ABL. *Discurso de posse*, p. 3). Um tema, no entanto, os uniu: a admiração de Roquette-Pinto por Euclides da Cunha. Corrêa filho observou, em um dos seus principais livros, que o “*insigne escritor*” não conheceu Mato Grosso, vendo-o, apenas, por olhos alheios. Extrapolou na descrição da passagem de um terrível fenômeno climático, o que era perdoável em razão de sua admirável linguagem (CORRÊA FILHO, 1969, p. 38-39). Lins, por sua vez, sentiu-se impotente para avaliar o monólogo do cientista com Euclides da Cunha em um capítulo de *Seixos Rolados*, uma de suas mais famosas coletâneas (LINS, ABL. *Discurso de posse*, p. 7). Um fato, contudo, serviu para aproximar o intelectual cuiabano do cientista, como Roquette-Pinto era denominado pela imprensa já no início da década de 1920: a retirada de sua candidatura à Academia Brasileira de Letras para evitar uma disputa com o arcebispo de Mato Grosso D. Aquino Corrêa (*DIÁRIO DA MANHÃ*, ES, 1926).

Os anos 20 foram gloriosos para o cientista. Viajou para Assunção a fim de assumir a cátedra de Fisiologia na Faculdade de Ciências Médicas do Paraguai, para a qual foi nomeado em 22 de maio de 1920. Lá permaneceu até o final do mesmo ano. Questões políticas que atingiram o comando da instituição de ensino e uma suposta enfermidade fizeram Roquette-Pinto pedir demissão do cargo e retornar à capital federal (ABL. ARP. *Educação*. Docência. FM do Paraguai). Reassumiu suas funções como Professor Livre-Docente da cadeira de História Natural, que exercia desde 1915, e, com o apoio do amigo Aloisio de Castro, ao tempo Diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, foi nomeado para reger a cadeira de Fisiologia, área da medicina de seu particular interesse (ABL. ARP. *Educação*. Docência). Virgílio Corrêa Filho omitiu parte significativa destas informações, limitando-se a citar, além da viagem ao Paraguai, seu cargo de professor de História Natural da Escola Normal. Na verdade, desprezou quase tudo que se relacionava com suas atividades médicas. Não foi o único biógrafo a tomar tal atitude. Contudo, ressaltou sua participação em alguns eventos internacionais, como, por exemplo, os de 1924 e 1930, dando ênfase a dois projetos educacionais de Roquette-Pinto: a fundação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro (1923) e da Revista Nacional de Educação (1932). Mencionou, de passagem, a criação do cinema educativo.³⁸

A capacidade de Roquette Pinto para “sentir” e “aprender” as concepções de Goethe não foi, como era de se esperar, explorada por Virgílio Corrêa Filho. Faltava-lhe – como ocorreu com outros biógrafos – fundamentação filosófica para abordar tão complexo tema. Em sua formação inicial, mais técnica do que intelectual, não teria havido espaço para o contato com

38 Sobre os citados projetos ver os artigos de Moreira et al. e Schvarzman In: LIMA, et alii. *Antropologia Brasileira: ciência e educação na obra de Roquette Pinto*.

os pensadores alemães. Até mesmo Álvaro Lins, que conheceu pessoalmente Roquette Pinto em 1946, já idoso e desfigurado por uma doença reumática degenerativa, a espondilite anquilosante, pouco se referiu ao tema. Seu neto, em biografia recente, comentou a hipótese de que esta moléstia poderia ter se desencadeada após alguma infecção contraída em 1912, durante sua permanência em Mato Grosso (BUJUNGA, 2017, p. 159). Pura conjuntura. Na verdade, sua saúde era, desde a juventude, reconhecidamente delicada, como revela a carta, sem local e data, que lhe dirigiu um certo amigo de nome Sergio, perguntando se valia a pena empreender essa viagem diante do fato de que o mal que o afligia há muito ia além de uma “*afecção comum*” (ABL. ARP. *Antropologia*. Comissão Rondon). Já se sabia – ou pelo menos – se desconfiava, no início da segunda década do século XX, de que um achaque característico de uma grave doença poderia nele se manifestar a qualquer momento. Teria isto ocorrido em Assunção? Tenho dúvidas. No caso de Mato Grosso, acima narrado, há indícios de que o cientista sofreu apenas uma indisposição passageira.

Roquette-Pinto tem sido utilizado, de preferência, inclusive em estudos recentes e prestigiados, como um “*locus de conhecimento*”, isto é, um personagem “[...] *que permite traçar as características de um grupo social*”, seguindo as reflexões weberianas de uma renomada historiadora (LORIGA, 1998, p. 247). Tornou-se habitual, para alguns, incluí-lo, por vezes apressadamente, no rol dos eugenistas, embora uma conceituada brasilianista tenha salientado suas ideias divergentes com relação ao “racismo estridente” de seus pares (STEPAN, 2005, p 171-178). Menos abordada é sua predileção, desde a juventude, pelas concepções de Auguste Comte. Na realidade, nunca foi fácil elaborar a biografia de um contemporâneo. Que o diga um fiel condiscípulo, encarregado de escrever sobre o passado

comum com seu mestre e amigo, o notável Pierre Bourdieu (PASSERON, 2002, p. 17-91). Virgílio Corrêa Filho, por sua vez, um homem conciliador, sempre alinhado com o poder vigente (TRINDADE, 2001, p. 219), tinha noção de que corriam vários riscos, inclusive pelas recentes posições políticas de esquerda assumidas por Roquette-Pinto, totalmente contrárias as suas. A pequena biografia incerta nos “Vultos”, cita, sem juízos e comentários críticos, apenas alguns fatos pontuais da vida profissional do “*sábio antropólogo*”, conforme demonstrei, embora nenhum deles possa ser considerado insignificante. Seguiu, quase ao pé da letra, os ensinamentos de Carlyle. Ao finalizar seu curto texto, após acentuar que o biografado não se consagrou no mundo intelectual brasileiro pelas suas atividades como geógrafo, mencionou seu apreço por Goethe.

Eis um aspecto da vida do cientista pouco conhecido em seus detalhes, apesar de ter se manifestado através de homenagens, palestras e traduções dos fragmentos e obras do mais importante personagem de Weimar, Johan Wolfgang von Goethe (1749-1832). Coube a um judeu alemão foragido do nazismo e radicado, desde julho de 1941, no Rio de Janeiro, o escritor e jornalista Ernesto Feder, tornar público, através da imprensa carioca, o envolvimento de Roquette-Pinto com a cultura alemã. Até então, o fato era pouco divulgado. Em 1923 ele foi agraciado, pela Alemanha, com a “Grande Medalha de Goethe” e participou, ativamente, das comemorações pelo centenário de sua morte, chegando a plantar, neste ano, no jardim da ABL, uma rara malvácea, a *Goethea*. Feder mantinha relações de amizade com Roquette-Pinto e com ele partilhava a concepção de que Goethe era um verdadeiro “*poeta naturalista*” (DIÁRIO DA MANHÃ, 1944; JORNAL DO BRASIL, 1954; ECKEL, 2012, p.64)). Assim também se via, de certo modo, o cientista brasileiro, desde 1905, quando ingressou no Museu Nacional (JORNAL

DO BRASIL, 1951 e 1954). Acertou, portanto, Virgílio Corrêa Filho quando o denominou “*naturalista*”.

De acordo com Keith Thomas, nos séculos XVII e XVIII, os naturalistas estudaram a natureza em si própria, não se preocupando com seus usos humanos. Posteriormente, passaram a investigá-la a partir do pressuposto de que plantas e animais deveriam ser pesquisados “*enquanto tais, independentemente de sua utilidade ou significado para o homem*” (THOMAS, 2010, p. 127). Joachim Rakdau foi mais explícito ao afirmar que os românticos alemães cultivavam ideias sobre regiões selvagens e domínio da natureza pelo homem apenas sob o aspecto simbólico, nada contendo de praticidade (RADKAU, 1997, p. 236). Goethe teria sido um deles. Durante sua viagem à Itália, de 1786 a 1788, aperfeiçoou seus estudos botânicos, retomando-os quando voltou a Weimar (CITATI, 1996, p. 31-32). Roquette-Pinto, apesar de sua grande admiração pelo autor de *Metamorfose das Plantas* (1789) e de ter traduzido para o português, entre outros textos, o fragmento *A Natureza*, abraçou algumas concepções do geógrafo e etnólogo alemão Friedrich Ratzel (1844-1904), principalmente a de que o homem mantinha relações estreitas com o solo no qual vivia. Esta era uma das teses da chamada antropogeografia, expressão cunhada por Ratzel em 1882. Assim, o cientista brasileiro, explicou este novo ramo da ciência:

Cada fenômeno humano pode ser considerado de dois pontos de vista. O primeiro, ligado ao conhecimento do meio cósmico; o segundo preso ao meio social. Ambos interessam por igual aos que pretendem compreender a vida dos povos. Para mostrar a orientação definitiva do espírito moderno, basta ver como a exigência de documentos é cada vez mais acentuada nesses estudos, para os quais, outrora, a facúndia supria o conhecimento e as frases eram... fatos. (ROQUETTE-PINTO, 1927, p. 53-54).

Não há dúvida de que essa definição é demasiado simplista, conforme demonstrou, já no final do século XIX, Émile Durkheim (1858-1917). A antropogeografia não tinha como proposta tratar, genericamente, de todas as influências que o solo exercia sobre os homens. “*Certos efeitos*”, completou, “*atingem os indivíduos isoladamente, modificando sua constituição física e mental*”, relacionando-se, portanto, com a fisiologia humana e a psicologia. O seu principal interesse se constituía nas migrações humanas, definidas como “*o conjunto de movimentos em virtude dos quais as coletividades se agrupam e se distribuem sobre o solo a cada momento da história*”. Sob essa perspectiva, os fatores geográficos assumem, dentre outros, crucial importância, apresentando formas diferentes em razão de sua localização no globo terrestre. As ações dos rios, por exemplo, são análogas às do mar (DURCKHEIM, 1899, p. 5-9). Como não lembrar a importância que Virgílio Corrêa Filho, deu em seus escritos, aos rios mato-grossenses, sobretudo ao Paraguai? É aproximadamente esse o viés “metodológico” que o prestigiado membro do Conselho Nacional de Geografia adotou, com maior precisão, quase duas décadas depois, na monografia regional *Pantanais Matogrossenses*. Preocupado com o desejável desenvolvimento das atividades produtivas locais, privilegiou a incansável luta do homem contra a natureza, que ele próprio tanto amava, mas cuja quase perene “*bruteza primitiva*” não podia ignorar (CORRÊA FILHO, 1946). Assim, um dos aspectos mais importantes contidos em vários artigos e obras de Virgílio Corrêa Filho é a sua predileção por um processo particular de historicidade³⁹ da natureza que abrangia, além da narrativa dos eventos históricos, geográficos e climáticos, devidamente documentados, um certo cuidado com a não transgressão da temporalidade linear e a crença no progresso socioeconômico.

39 Adoto o conceito de historicidade de Lefort: “a relação geral que os homens mantêm com passado e com o futuro”.

Contudo, na condição de biógrafo comprometido com o *status quo*, evitou se confrontar com presente. A conduta de Roquette-Pinto foi outra. Além de participar, em 1947, da fundação do Partido Socialista Brasileiro (antiga Esquerda Democrática), tornou-se colaborador do *Jornal do Brasil*, em 31 de julho de 1951, publicando, até sua morte, segundo o companheiro de ABL Múcio Leão, mais de trezentos artigos. A partir deste momento se transformou em um livre pensador, “*um humanista completo*”, no dizer de Peregrino Júnior (ABL Sessão de 24/09/1964), expressando, inclusive, em algumas oportunidades, sua cultura médica. Algumas publicações sob a rubrica “*Notas e Opiniões*” são autobiográficas. Assim, no texto de inauguração da coluna jornalística descreveu as plantações realizadas no seu “*Sambaqui de Nogueira*”, nome dado à pequena nesga de terra recentemente adquirida e cujo acesso se dava pela estrada de Petrópolis: um pé de pau-brasil e um pé de café, deixando para mais tarde uma seringueira do Amazonas, um pé de cacau da Bahia, um pé de mate no Paraná “*e outros amigos*”. Quase um mês depois, deixou-se levar pelo desânimo ao denunciar que a referida estrada estava perdendo seus maiores encantos: lindas florestas destruídas pela derrubada e pelo fogo. Criticou os “*abnegados capitalistas*”, que enriqueciam os museus de arte e não se dispunham a fundar um núcleo protetor das matas de Petrópolis. É óbvio que se referia a Assis Chateaubriand, que adquirira, no exterior, quadros famosos para exibir no recém-fundado Museu de Arte de São Paulo. O desabafo do cientista é o de um verdadeiro naturalista: “*Desde que me entendo venho tomando parte sincera no coro das lamentações pela triste sorte das matas do Brasil*” (JORNAL DO BRASIL, 1951). Tal coro encontra-se, nos dias atuais, mais vivo do que nunca. Infelizmente, com alguns adeptos ferrenhos e quase nenhuma receptividade governamental.

Para obter uma visão de conjunto sobre o biógrafo e o biografado, optei pelo devotamento que ambos tinham, cada um a seu modo, pela natureza brasileira, hoje dotada de uma clara tendência a todo tipo de politização. Procurei não realizar uma simples “*elaboração aditiva*”⁴⁰ do passado de Roquette-Pinto reconstituído, parcialmente, por Virgílio Corrêa Filho. Limitei-me a completar informações, acrescentando quando necessário, uma ou outra correção. Não efetuei, também, uma leitura da paisagem pantaneira nos moldes previstos pela história cultural contemporânea (CORBIN, 1998, p, 102), o que não deixaria de ser extremamente atraente. Destaquei as opções políticas de ambos, mas não as aprofundei, embora entenda que influíram, de certa maneira, em suas apreciações sobre o aproveitamento, no caso de Corrêa Filho, e a preservação, no entender de Roquette Pinto, da natureza brasileira. Deparei-me, por um lado, com um conformista sempre apegado ao passado, impregnado de saudosismo e com tímidas propostas para o desenvolvimento da região pantaneira. E, por outro, com um otimista tornando-se, no decorrer dos tempos, um crítico pessimista do contexto político que o cercava. No entanto, não ignorei o fato de que ambos foram qualificados por seus contemporâneos como humanistas dotados de qualidades excepcionais. Roquette-Pinto, entretanto, plenamente inserido no mundo moderno pelo seu apego à ciência, diferenciou-se de Virgílio Corrêa Filho graças à influência pessoal exercida junto à população através do rádio educativo, do cinema e, posteriormente, do jornal. Possuía, repetindo Goethe, em um dos seus famosos diálogos com Eckerman, algo excepcional que o tornou, ainda jovem, um respeitado cientista: o “*olhar atento e exercitado*”. Continua à espera de uma biografia que dê conta, inclusive, de seus anos de velhice, por ele próprio tão lamentados.

40 A expressão é de Reinhart Koselleck.

REFERÊNCIAS

Fontes

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Arquivo Roquette Pinto*.

Pastas:

- Antropologia/Comissão Rondon/R 002, 005 e 078.
- Antropologia/ Comissão Rondon. dv 017. “Hora do Brasil” de 20 de fevereiro de 1936: “Crônica científica do Prof. Roquette-Pinto” e dv 029. “Discurso pronunciado a 12 de outubro de 1919 no Teatro Municipal do Rio de Janeiro”.
- Antropologia. Comissão Rondon/R 016. Caderno de Campo de Roquette-Pinto (outubro e novembro de 1912).
- Ata da sessão acadêmica de 24/09/1964. Aniversário de dez anos da morte de Roquette-Pinto.
- Atuação Médica: 1903, 1908 e 1911.
- Educação. Docência. Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.
- Educação. Docência. Faculdade de Medicina do Paraguai
- Laboratórios Raul Leite S/A, 1942 e 1945.

Periódicos

ALMANACK LAEMMERT. Rio de Janeiro, 70 (1914), 81 (1925) e 85 (1929).

DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 669, 13 de agosto de 1944, p. 4.
Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 173, 28 de julho de 1951, p. 3; 175, 31 de julho de 1951, p. 5; 42, 19 de outubro de 1954, p. 6 e 11; 269, 21 e 22 de novembro de 1954, p. 1 e 2.

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, 18887, 20 de outubro de 1954, p. 6 e 18910, 2º. Caderno, 17 de novembro de 1954.

DIÁRIO DA MANHÃ: órgão do Partido Constructor, ES, 335, 26 de novembro de 1916, p. 1.

LAVOURA E COMERCIO. Uberaba, MG, 7154, 27 de fevereiro de 1936, p. 2.

O ESTADO DE MATOGROSSO. Cuiabá, 3032, 17 de maio de 1957, p. 3.

O SÉCULO. Rio de Janeiro, 2017, 14 de março de 1913, p. 3.

BIBLIOGRAFIA

- BARROS, Wanderbilt Duarte de. Considerações sobre a visualização de um geógrafo. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 148 (354), p. 1-140, jan-mar 1987.
- BOJUNGA, Claudio. Roquette-Pinto. *O corpo a corpo com o Brasil*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2017.
- CARLYLE, Thomas. *Os heróis*. tradução de Antônio Ruas. 2ª. edição. São Paulo: Melhoramentos, s/d.
- CASTRO, Ruy. *Roquette-Pinto: o homem multidão*. s/l., s/d.
- CITATI, Pietro. *Goethe*. Tradução Rosa Freire de Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CORBIN, Alain. Do Limousin às culturas sensíveis”. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998, p. 97-110.
- CORRÊA FILHO, Virgílio. *Pantanaís Matogrossenses (Devassamento e ocupação)*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: Conselho Nacional de Geografia, 1946.
- _____. Vultos da Geografia do Brasil: Edgard Roquette-Pinto. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, 17 (3):, p. 91-94, julh-set. 1955. Disponível em [rbg_1955_17_n3.pdf](#)
- _____. Vultos da Geografia do Brasil: Rondon. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, 23 (3), p. 105-108. Disponível em [rbg_1961_23_n3.pdf](#)
- _____. *História de Mato Grosso*. Rio de Janeiro: INL, 1969.
- COTTINGHAM, John (Org.). *Descartes*. Tradução de André Oides. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2009.
- DELACROIX, Christian, DOSSE, François, Garcia, Patrick. *Correntes Históricas na França: séculos XIX e XX*. Tradução Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: FGV, 2012.
- DESCARTES. *Discurso do método*. Tradução de Paulo Neves. Introdução de Denis Lerrer Rosenfield. Porto Alegre: L&PM, 2017. (Coleção L&PM POCKTE, v. 458)
- DUARTE, Regina Horta. Roquette-Pinto viajante. In: LIMA, Nisia Trindade; SÁ, Dominich Miranda de (Orgs). *Antropologia Brasília-*

na: ciência e educação na obra de Edgard Roquette-Pinto. Belo Horizonte: EdUFMG; Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008, p. 271-294.

ECKERMANN, Johann Peter. *Conversações com Goethe nos últimos anos de sua vida: 1823-1832*. Tradução Mario Luiz Frungillo. São Paulo: EdUnesp, 2016.

EGERTON, F.N. *A history of the ecological sciences early greek origins*. Bulletin of the Ecological Society of America, 82 (1):, p. 3-97, 2001.

ECKL, Marlen. A flor do exílio – a amizade de Stefan Zweig e Ernest Feder vista a partir do Diário Brasileiro de Feder. *WebMosaica*. Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagal, 4 (2), p. 61-70, jul-dez, 2012.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Tradução de Wilma Patrícia Maas, Carlos de Almeida Pereira. Revisão da tradução César Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto; EdPUC-Rio, 2006.

LEFORT, Claude. *As formas da história*. Ensaios de antropologia política. Tradução Luiz Roberto Salinas Fortes e Marilena de Souza Chauí Revisão Renato Nicolai. São Paulo: Brasiliense, 1979.

LINS, Álvaro. *Discurso de posse na Academia Brasileira de Letras*. Disponível em <http://www.academia.org.br/academicos/alvaro-lins/discurso-de-posse>.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques. *Jogos de Escalas: a experiência da microanálise*. Tradução Vera Rocha. Rio de Janeiro: EdFGV, 1998, p. 225-249.

SIQUEIRA, E. M.; QUIXABEIRA, F. M.; ÁVILA, L. P. de. *O Brasil pelos Brasileiros: relatórios científicos da Comissão Rondon*. Cuiabá, MT: Carline Caniato, 2016.

PASSERON, Jean-Claude. Morte de um amigo, fim de um pensador. Paris-Marselha, novembro de 2002. In: ENCREVÉ, Pierre; LAGRAVE, Rose-Marie. *Trabalhar com Bourdieu (Coords)*. Tradução Karina Jannini. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2005, p. 17-91.

PORTER, Roy. *The greatest benefit to mankind. A medical history of humanity from antiquity to the presente*. London: Fontana Press, 1999.

RADKAU, Joachim. The worship of nature and the tacit feeling for nature in the history of german forestry. In: TEICH, Mikulas;

PORTER, Roy; GUSTALSSON, Bo (Eds). *Nature and society in historical contexto*. Cambridge University Press, 1997, p. 228-239.

RIBEIRO, Leonídio. *Afranio Peixoto*. Rio de Janeiro: Edição Conde, 1950.

ROQUETTE PINTO, E. Rondônia. 2 ed. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1919.

_____. *Seixos rolados* (Estudos Brasileiros). Rio de Janeiro, 1927.

_____. *Samambaia*. Rio de Janeiro: Ariel Editora, 1934.

_____. *Ensaio brasileiro*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, s/d. (Brasílica, vol. 290)

_____. “e cientistas do Brasil. In: LIMA, Nísia Trindade; SÁ, Dominich, Miranda de. *Antropologia Brasileira: ciência e educação na obra de Edgard Roquette-Pinto* (Orgs.). Belo Horizonte; Rio de Janeiro: EdUFMG; Fiocruz, 2018, p. 23-32.

SANTOS, Ricardo Ventura. *A obra de Euclides da Cunha e os debates sobre mestiçagem no Brasil no início do século XX: os sertões e a medicina antropológica do Museu Nacional*. História. Ciências, Saúde-Manguinhos. Versão *on-line*. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59701998000400013>

SOUZA, Juliana Amorim de. *Roquette-Pinto imortal: constituição, tratamento e usos do Arquivo Roquette-Pinto na Academia Brasileira de Letras*. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais) – Rio de Janeiro: PGV/CPDOC, 2015.

SOUZA, Vanderlei Sebastião. *Em busca do Brasil: Edgard Roquette-Pinto e o retrato antropológico brasileiro (1905-1935)*. Tese (Doutorado em Antropologia) – Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011.

SHRYOCK, Richard Harrison. *The development of modern medicine in interpretation of the social and scientific factors involved*. London: The University of Wisconsin Press, 1974.

STEPAN, Nancy Leys. *A hora da eugenia: raça, gênero e nação na América Latina*. Tradução Paulo M. Garchet. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005. (Coleção História e Saúde)

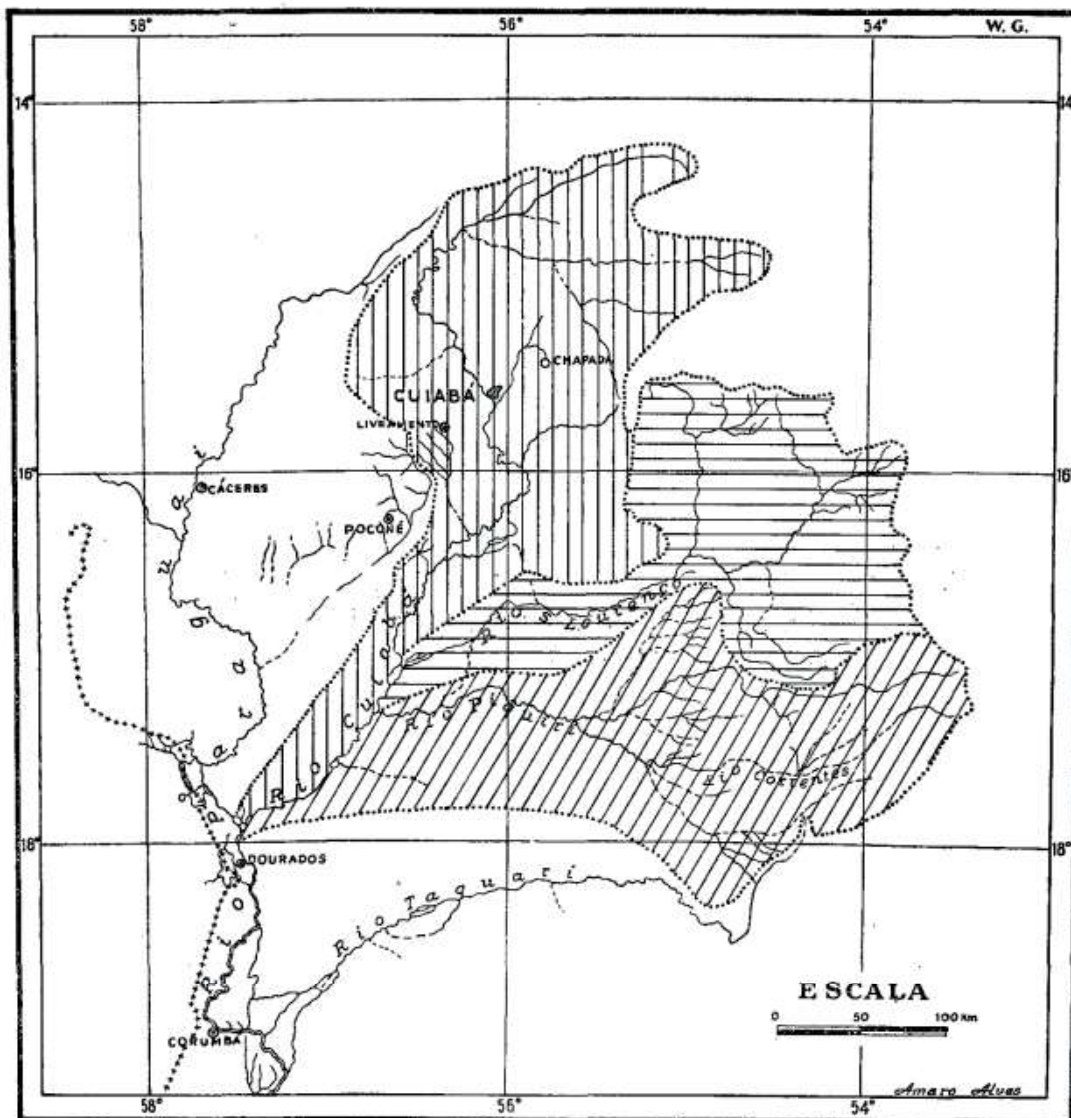
THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural*. Mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800). Tradução João

Roberto Martins Filho. Consultor da edição Renato Janine Ribeiro, Consultor dos termos zoológicos Márcio Martins. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Companhia de Bolso).

TRINDADE, Vilma Eliza. *Política, história e memória em Mato Grosso: Virgílio Corrêa Filho (1887-1973)*. Campo Grande, MS: EdUFMS, 2001. (Fontes Novas). Ciências Humanas.

VILAIN, Christiane. Descartes, correspondant scientifique de Constantyn Huygens. *Revue d'Histoire des Sciences*, 51 (2-3), p. 373-379, 1998.

Esboço das condições atuais da confluência transfigurada (1942)



Fonte: Revista Brasileira de Geografia, jan-mar 1942, p. 15